

CURADORIA CRIATIVA EM SALAS UNIVERSITÁRIAS DE CINEMA: POR UMA FORMAÇÃO ESTÉTICA DA DIFERENÇA

CÍNTIA LANGIE¹;
CARLA GONÇALVES RODRIGUES²

¹Doutoranda em Educação UFPel – cintialangie@gmail.com

²Professora PPGE FAE, Doutora em Educação – cgrm@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa versa sobre formação estética em salas universitárias de cinema, visando relacionar educação e cinema a partir de preceitos de filósofos que pensam essa arte, sobretudo Deleuze (2005; 2010) e Rancière (2009; 2012). A proposta busca desenvolver o conceito de curadoria criativa, apresentando como *lócus* inicial o Cine UFPel, sala digital e gratuita da Universidade Federal de Pelotas, cuja política de programação prioriza filmes brasileiros contemporâneos não comerciais. Também serão investigadas outras salas universitárias do país¹, a fim de observar como as diferentes formas de curadoria podem operar resistência ao cinema dominante, no caso, a narrativa clássica hollywoodiana.

Tratando a diferença como operação do novo, que se dá pela ruptura com o pré-estabelecido e pela potência de pôr estruturas a vazar (Deleuze; Guattari 2010), nosso objetivo é averiguar como se constituem processos de formação estética pela diferença, ou seja, pela seleção e exibição de filmes que tragam em si signos imprevisíveis, possibilitando pensar o impensável. Formação estética, para nós, está além do uso pedagógico de filmes para transmissão de conteúdos, pois se refere ao movimento do pensamento (Deleuze, 2005) e à singularização dos processos de subjetivação (Guattari, 2010). Interessa-nos, portanto, o valor em si do filme, enquanto obra artística que inventa novos espaços-tempo e convida ao inesperado, liberando forças vitais.

Diante da profusão contemporânea de filmes brasileiros não comerciais, realizados em diversos estados, com variedade de gêneros e temáticas², percebemos haver nesse tema fios suficientemente potentes para traçar uma pesquisa. O fato destas obras comumente não chegarem até o público, devido ao dilema de distribuição centrado em produtos comerciais, caracteriza-se como problema motivador do estudo. A justificativa da pesquisa se dá pela dissipação de salas universitárias no Brasil com a criação em 2015 do projeto *Cinemas em Rede*. Nossa hipótese é que o cinema brasileiro contemporâneo forma uma cinematografia emancipatória pela alteridade que expressa, a partir da perspectiva de Rancière (2012).

O conceito de formação estética da diferença foi desenvolvido em consonância com Migliorin (2010), para quem o cinema possibilita experiência intensificada de fruição estética e política para invenção de mundos, e também com Xavier (2008), quando este descreve formação como fomento ao pensamento através de filmes que questionem nossas convicções. A concepção de curadoria criativa está sendo pensada na mesma perspectiva de Corazza (2010), pois o curador seria aquele que está à espreita por materiais que ponham o sujeito a pensar, liberando fluxos que desfaçam jogos sobrecodificados.

¹ Serão analisadas dez salas universitárias em diferentes estados brasileiros, todas participantes do projeto *Cinemas em Rede*. Entre elas, está a Sala Redenção da UFRGS e o CinUSP.

² De acordo com a Agência Nacional do Cinema (ANCINE), foram lançados 129 longas-metragens brasileiros em 2015, provenientes de diferentes regiões do Brasil.

2. METODOLOGIA

A pesquisa está sendo desenvolvida em três partes combinadas entre si. A primeira trata do referencial teórico, a partir do qual estamos delineando os conceitos que nos ajudarão a pensar em formação estética audiovisual pela diferença. A segunda caracteriza-se por análises de filmes brasileiros contemporâneos, relacionadas à parte teórica. E a terceira parte constitui-se de escritas cartográficas sobre experiências da pesquisadora em salas universitárias de cinema e em situações que relacionem cinema e educação.

Quanto à revisão teórica, buscamos apoio na perspectiva própria da filosofia da diferença, que vê a arte como criadora de novas paisagens no mundo, para analisar a experiência de curadoria de salas universitárias. Interessa-nos, sobretudo, a concepção deleuze-guattariana (2010) sobre criação no plano artístico, e como isso pode estar relacionado a um aumento na potência do pensamento a partir do filme não comercial. Foi em Deleuze (2005) que encontramos a concepção de cinema como filosofia, já que segundo o filósofo alguns filmes, àqueles mais criativos são capazes de fazer o espectador pensar o impensável, produzindo nova imagem do pensamento e quebrando com a imagem dogmática pré-estabelecida. Em Rancière (2012), buscamos subsídios para embasar o conceito de emancipação e com Guattari (2011) passamos a incorporar os processos de subjetivação singularizados como um dos objetivos da formação estética audiovisual. Fizemos, também, um apanhado geral em pesquisas de profissionais brasileiros que relacionam arte com educação, dando destaque ao trabalho de Migliorin (2010), Xavier (2008) e Corazza (2010).

Ao longo da investigação, iremos analisar alguns filmes brasileiros não comerciais exibidos no Cine UFPel, para falar da formação estética pela diferença. O critério de seleção das obras deve-se a dois fatores. Primeiramente, filmes com inovação na estrutura narrativa, que contam histórias de forma diferente do usual. Esse aspecto nos interessa pela potência de fazer questionar nossas convicções (Xavier, 2008) e por atuar como vetor para o pensamento (Deleuze, 2006). O segundo fator diz respeito a presença de personagens emancipados nos roteiros, personagens que fogem dos papéis estratificados da representação dominante (Rancière, 2009). Esse tópico iremos conectar com invenção de mundos com alteridade (Migliorin, 2010) e pela potência de favorecer processos de subjetivação singularizados (Guattari, 2011).

Propomos, ainda, um percurso cartográfico que consiste em vivência da pesquisadora em dez salas universitárias de cinema do Brasil, todas elas participantes do projeto *Cinemas em Rede*, uma parceria entre o Ministério da Cultura (MinC) e a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP). Segundo Rolnik (2014) a tarefa de quem faz cartografia é expressar afetos contemporâneos que pedem passagem, portanto, é preciso estar mergulhado nas intensidades de seu tempo. Desse modo, como docente de Cinema e como fundadora e curadora do Cine UFPel – uma das salas do projeto *Cinemas em Rede* – estamos de fato no centro da temática escolhida, podendo operar a partir do referencial teórico uma análise de experiências recentes no campo da difusão audiovisual e das relações do cinema brasileiro com a educação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento atual da pesquisa, temos como resultado o desenvolvimento do referencial teórico principal. Com foco na formação estética pela diferença em

espaços não formais de educação – salas universitárias de cinema – destacamos três conceitos como cernes da pesquisa: pensamento, emancipação e singularização.

Deleuze e Guattari (2010) alertam para a existência de um pensamento ortodoxo que toma nosso cérebro de clichê, o que impede a expansão das ideias. A comunicação, muitas vezes reduzida ao sistema comercial do lucro, fica restrita ao senso comum e pouco colabora para o movimento do pensamento e para a criação de novas paisagens e sensações no mundo. Enquanto o cinema comercial, com suas fórmulas prontas para atingir um maior número de pessoas, se encaixa nessa concepção de comunicação, o cinema não comercial geralmente carrega em si o desejo de criação de uma diferença.

Em *Diferença e Repetição* (2006), Deleuze propõe que o pensamento não acontece sozinho, e de que é necessário o encontro com signos deslocados das categorias representacionais. O pensamento, então, não pensaria de boa vontade, mas forçado por paradoxos. Dai vem sua teoria em torno dos filmes mais inovadores, ditos de arte, pois estes teriam a potência de tirar o cérebro de seu funcionamento sensório-motor comum.

Com isso, pulula outro arranjo da questão de pesquisa: a curadoria criativa das salas universitárias de cinema operam vazamentos nas representações hegemônicas da mídia de massa? Essa pergunta engaja um outro, no caso, o espectador. A noção de espectador emancipado, apresentada por Rancière (2012), diz respeito ao sujeito que entra em contato com uma obra de arte mais criativa, que o tira de sua zona de conforto. “A este será mostrado, portanto, um espetáculo estranho, inabitual, um enigma cujo sentido ele precise buscar” (RANCIÈRE, 2012, p. 10).

Cabe ainda indagar: Uma revolução estética operaria uma mudança nas formas sensíveis da experiência humana? Acreditamos que essa revolução começa pela refutação ao espetáculo em favor de uma obra de arte que provoque um abalo no senso comum. Nesse sentido, buscamos no conceito de singularização, desenvolvido por Guattari (2011), a chave para entender os processos de subjetivação que derivam dessa emancipação. Para ele, existe um modo de produção capitalístico que tenta encaixar tudo que é da classe do desejo, da criação, em registros de referências dominantes. Assim, a ordem capitalística fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. “O objetivo da produção de subjetividade capitalística é reduzir tudo a uma tábua rasa” (Guattari, 2011, p. 66). A tendência é igualar todos através de grandes categorias redutoras, e essas impedem que as pessoas tomem consciência dos processos de singularização.

Como bem expressa Guattari, as imagens são parte das variações de mundo – desse agenciamento coletivo de enunciação – de onde algumas formas se atualizam. As imagens não constroem mundo, mas participam da circulação dos enunciados e afetos de onde certas formas surgem: questão central na educação.

4. CONCLUSÕES

Nossa pesquisa, que se encontra na etapa de revisão bibliográfica, busca desenvolver o conceito de curadoria criativa, tendo como ponto central os processos de formação estética da diferença através do cinema não comercial exibido em salas universitárias. Como resultado parcial, apresentamos a delimitação dos três conceitos-chave do projeto: pensamento, emancipação e

singularização. Chegamos até eles na etapa de revisão teórica, quando fomos compondo uma linha de força que pudesse abarcar ao mesmo tempo a noção de método educacional – pensamento – vinculado à questão política do cinema – emancipação - e aos processos de subjetivação na contemporaneidade.

Também como resultado, anunciamos que alguns filmes brasileiros selecionados pela curadoria do Cine UFPel mostram realidades ao mesmo tempo comuns e invisíveis a nós, ao contar histórias de personagens brasileiros que fogem dos papéis estratificados da representação dominante. Assim, a contribuição dessas obras para a educação, a nosso ver, está na potência em formar sujeitos preparados para exposição a um fora (Deleuze, 2006), para uma relação com o exterior, com outrem – com invenção de mundos de maior alteridade. Chegamos, portanto, à hipótese de que uma formação estética pela diferença, por meio de sessões gratuitas de filmes não comerciais que minimizam o sistema de representações estratificadas, caracteriza-se como ação micropolítica pelo contato com a alteridade (Guattari, 2011). A concepção de curadoria criativa relaciona arte e educação pela potência do cinema não comercial para processos de subjetivação mais singularizados e para a emancipação do espectador pelo movimento do pensamento.

Não defendemos que somente o filme brasileiro não comercial deva ser assistido, ao contrário, surge aqui uma proposta de coexistência: deixar um pouco de ar entrar, mesclar um pouco nossas referências culturais, entre a mídia de massa, tão presente e dominante, e o cinema de arte. E nesse sentido sugerimos que as salas de cinema localizadas em universidades constituem o ambiente potencial para pensar o cinema pela educação, materializando a noção de formação estética da diferença.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORAZZA, Sandra Mara. Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida. *Programa Observatório da Educação*, 2010. Disponível: <http://www.ufrgs.br/escrileituras/>. Acesso: abril/ 2016.
- DELEUZE, G. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Graal, 2006
- _____; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- _____; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MIGLIORIN, C. Cinema e Escola, sob o risco da democracia. *Revista Contemporânea de Educação*, vol 5.n.9. Jul/Dez, 2010.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.
- _____. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.
- XAVIER, Ismail. Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar: entrevista com Ismail Xavier. *Educação & Realidade* (Dossiê cinema e educação), Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.13-20, jan./jun. 2008.